
O MAL-ESTAR NO FUTEBOL

Uma Indústria Canibal *

Eduardo Galeano **

A morte repentina, no meio de uma partida, no dia 26 de junho, em Lyon, de um jogador camaronês veio nos lembrar a dimensão trágica do futebol. Não é a primeira vez que a morte ocorre nos estádios, mas geralmente decorre da violência dos torcedores. Isso foi causado por uma concepção industrial do esporte, jogos em cadeia e a exploração máxima dos atletas. Devo lembrá-lo? O futebol é um jogo.

Em junho passado, um jogador camaronês, Marc-Vivien Foé, foi derrubado no gramado do estádio do Lyon. Ele não foi vítima de um chute criminoso. Ninguém o havia tocado. Foé morreu de exaustão. O ritmo da Copa das Confederações, jogo após jogo, acabou com ele. Nenhum laudo médico jamais dirá que Foé sucumbiu a um ataque de futebol profissional, porque essa condição fatal não aparece em nenhum vade-mécum¹ médico. Mas a verdade é que o mais belo e popular dos esportes, alegria das pernas que o praticam e dos olhos que o contemplam, funciona, a nível industrial, como uma máquina de cortar carne humana.

No ano passado, houve dois campeonatos mundiais de futebol. Um para atletas de carne e osso. O outro, ao mesmo tempo, para robôs. As seleções humanoides disputaram a RoboCup 2002 na cidade japonesa de Fukuoka, de frente para a costa coreana².

Os torneios de robôs são realizados todos os anos em uma cidade diferente. Os organizadores esperam poder defrontar as melhores equipas humanas num futuro próximo. Afinal, dizem eles, um computador não venceu o campeão de xadrez Garry Kasparov? Eles podem facilmente imaginar atletas mecânicos realizando uma façanha semelhante em um estádio de futebol.

* Tradução de Nildo Viana.

** Escritor e Jornalista uruguaio. Falecido em 2015.

¹ Vade mecum é uma expressão oriunda do latim, cujo significado é “vai comigo”. Essa expressão é utilizada para denominar livros de referências, manuais práticos que oferece o passo-a-passo de determinadas atividades especializadas, sendo muito utilizado na área do direito. O uso é devido ao fato por ser obra de consulta constante e por isso acompanha o seu usuário (NT).

² A RoboCup 2003 aconteceu de 5 a 11 de julho em Pádua (Itália) com a participação de 200 times de 30 países.

Programados por engenheiros, os robôs são sólidos na defesa, rápidos e artilheiros no ataque. Eles nunca se cansam ou reclamam. Nenhum robô caiu morto em um campo de jogo. E eles não se demoram com a bola: cumprem as ordens do diretor técnico sem vacilar e nem por um momento cometem a loucura de acreditar que os jogadores estão jogando.

Qual é o sonho mais comum dos patrões, tecnocratas, burocratas e ideólogos da indústria do futebol? Nesse sonho, cada vez mais parecido com a realidade, os jogadores imitam os robôs.

Triste sinal dos tempos, o século XXI santifica a mediocridade em nome da eficiência e sacrifica a liberdade no altar do sucesso. “Não vencemos porque temos valor, temos valor porque vencemos”, notou, há alguns anos, Cornelius Castoriadis. Ele não estava se referindo ao futebol, mas é assim mesmo.

É proibido perder tempo, é proibido desperdiçar. Tendo se tornado um trabalho, sujeito às leis da lucratividade, o jogo deixa de ser lúdico. A cada dia que passa, como tudo, o futebol profissional parece ser regido pela UEB (União dos Inimigos da Beleza), entidade poderosa que não existe, mas comanda tudo.

Ignacio Salvatierra, um árbitro injustamente negligenciado, merece ser canonizado. Ele testemunhou sobre a verdadeira fé. Sete anos atrás, ele exorcizou o demônio da fantasia na cidade boliviana de Trinidad. O árbitro Salvatierra expulsou de campo o jogador Abel Vaca Saucedo. Castigou-o com cartão vermelho: “Para que aprenda a levar o futebol a sério. Vaca Saucedo havia cometido um gol imperdoável. Esquivara-se de toda a equipa adversária, numa devassidão de dribles, fintas, ganchos, escanteios, pontes pequenas e largas, roletas, pontapés sombrero e rakes, e coroou a sua orgia, de volta aos gols, cravando a bola na rede com suas nádegas.

Obediência, velocidade, força e nenhum golpe de gênio: tal é o molde que a globalização impõe.

Fabricamos, em série, uma bola de futebol mais fria que um cooler. E mais implacável do que uma máquina de trituração.

Segundo dados publicados pela France Football, a vida útil dos jogadores profissionais caiu pela metade nos últimos vinte anos. A duração, que era de doze anos, foi reduzida para seis. Os trabalhadores do futebol estão se tornando mais

competitivos, mas durando cada vez menos. Para fazer face às exigências do ritmo de trabalho, muitos deles não têm outro recurso senão recorrer a ajudas químicas, injeções e selos que aceleram o seu desgaste: as drogas têm mil nomes, mas todas nascem da obrigação de vencer, e devem em vez disso, seja chamado de “sucetoína”.

Dois mil e quinhentos anos antes de Sepp Blatter³, os atletas participavam de competições nus e sem nenhuma tatuagem publicitária no corpo. Os gregos, divididos em muitas cidades-estados, cada uma com suas próprias leis e seus próprios exércitos, se reuniram para os Jogos Olímpicos. Enquanto praticavam esportes, esses povos dispersos diziam: “Somos gregos. Como se estivessem recitando com seus corpos os versos da *Iliada* que fundou sua consciência nacional.

Muito mais tarde, durante grande parte do século XX, o futebol foi o esporte que melhor expressou e afirmou com mais clareza a identidade nacional. Diferentes formas de brincar revelam, e celebram, diferentes formas de ser. Mas a diversidade do mundo está sucumbindo à uniformidade compulsória. O futebol profissional, que a televisão transformou no espetáculo mais lucrativo para as massas, impõe um modelo único. Ele apaga perfis singulares, como às vezes acontece com certos rostos que se tornam máscaras, todos idênticos, após várias cirurgias estéticas.

On prétend que cet ennui est dû au progrès, mais l'historien Arnold Toynbee avait déjà traversé beaucoup de passés quand il constate ceci : « La caractéristique la plus constante des civilisations en décadence est leur tendance à la standardisation et à l'uniformité. “

Afirma-se que esse tédio se deve ao progresso, mas o historiador Arnold Toynbee já havia percorrido muitas eras passadas quando constatou que “A característica mais constante das civilizações decadentes é sua tendência à padronização e à uniformidade”.

O futebol profissional funciona como uma ditadura. Os jogadores não podem abrir o bico para o reino despótico dos donos do futebol, que, do alto de seu castelo FIFA, dominam e roubam. O poder absoluto é justificado pelo hábito: é assim porque deve ser assim e deve ser assim porque é assim.

³ Presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Mas sempre foi assim? Devemos agora relembrar uma experiência ocorrida no Brasil, há vinte anos, na época da ditadura militar. Os jogadores conseguiram chegar à presidência do Corinthians, um dos mais poderosos do Brasil, e ali exerceram o poder em 1982 e 1983. Inusitado e inédito: os jogadores decidiam tudo, entre si, por maioria. Democraticamente, eles discutiram e votaram sobre os métodos de trabalho, o sistema de jogo, a gestão do dinheiro e tudo mais. Em suas camisas está escrito: Democracia Corinthiana.

Depois de dois anos, os líderes destituídos assumiram o controle e pararam tudo. Mas, enquanto durou a democracia, o Corinthians, governado por seus jogadores, ofereceu o futebol mais ousado e brilhante de todo o país, atraiu as maiores multidões aos estádios e conquistou o bicampeonato.

Suas proezas e sutilezas eram explicadas pelas drogas. Uma droga que o futebol profissional não pode pagar: aquela inestimável mistura mágica chamada entusiasmo. Na linguagem da Grécia antiga, entusiasmo significa: “ter os deuses em si”.

Como sabemos, no ano passado, em Tóquio, o Brasil venceu a Copa do Mundo contra a Alemanha. Ao mesmo tempo, longe do Japão, e sem que ninguém percebesse, outra final estava sendo disputada.

Aconteceu nos picos do Himalaia. As duas seleções que sempre perdem, a última e a penúltima do ranking mundial, se enfrentaram: o reino do Butão contra a ilha de Montserrat, no Caribe.

O troféu em jogo era uma grande taça de prata, que aguardava os vencedores à beira do campo. Os jogadores, todos desconhecidos, sem nenhuma estrela, se divertiram muito. Sua única obrigação era entreter-se ao máximo. E quando as duas equipes terminaram a partida, a taça, que consistia em duas metades coladas, se abriu e foi dividida entre as duas.

O Butão venceu e Montserrat perdeu. Mas este detalhe não possuía a menor importância.